



Metamorfoses

Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros

ISSN: 0875-019, v.20, n.2, e64010, 2023

DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.a64010

Artigo Original

Eduardo Lourenço, Camões e Portugal: diálogos de rebeldia

Eduardo Lourenço, Camões and Portugal: Dialogues of Rebellion

José Augusto Cardoso Bernardes 

Universidade de Coimbra, Portugal.

E-mail: uc34496@uc.pt

RESUMO

Relendo os ensaios camonianos escritos por Eduardo Lourenço (éditos e inéditos), conclui-se que Camões ocupou sempre um lugar central nas suas preocupações. Quem se detiver apenas nos textos publicados a partir da década de 70 poderia ser levado a pensar que Camões representa para Eduardo Lourenço um autor entre muitos outros, o que não é verdade. Para Lourenço como para a maioria dos ensaístas que publicaram sobre literatura ao longo da segunda metade do século XX, Camões acaba por ser tema de disputa direta ou indireta. Outra conclusão que pode extrair-se da leitura dos *Estudos sobre Camões, Obras Completas* (volume VI), é a de que nos encontramos perante um camonista irregular e relativamente escasso. Essa percepção pode resultar do contacto estrito com os estudos que foram sendo publicados de forma relativamente avulsa e dispersa. Qualquer dessas ideias se dissolve, porém, com a visão global que se torna acessível com a publicação do volume.

PALAVRAS-CHAVE:

Estudos sobre Camões, Eduardo Lourenço, Camões, Obras Completas.

ABSTRACT

Rereading the Camões essays written by Eduardo Lourenço (edited and unpublished) it is concluded that Camões always occupied a central

Editor-chefe

Sofia Maria de Sousa Silva
Paulo Ricardo Braz de Sousa

Editores convidados

Gilda Santos
Marlon Augusto Barbosa

Recebido: 15/05/2024

Aceito: 20/06/2024

Como citar:

BERNARDES, José Augusto Cardoso. Eduardo Lourenço, Camões e Portugal: diálogos de rebeldia.

Revista Metamorfoses, v.20, n.2, e64010, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.a64010>



place in his concerns. Anyone who only focuses on texts published from the 1970s onwards could be led to think that Camões represents, for Eduardo Lourenço, one author among many others, which is not true. For Lourenço, as for most essayists who published on literature throughout the second half of the 20th century, Camões ends up being a subject of direct or indirect dispute. Another conclusion that can be drawn from reading the *Estudos sobre Camões, Obras Completas* (volume VI), is that we are faced with an irregular and relatively scarce camion driver. This perception may result from strict contact with studies that were published in a relatively isolated and dispersed manner. Any of these ideas dissolve, however, with the global vision that becomes accessible with the publication of the volume.

KEYWORDS:

Estudos sobre Camões, Eduardo Lourenço, Camões, Obras Completas.

Camões, companheiro de viagem

Respondendo a uma pergunta sobre a forma como passava o tempo nas constantes viagens que efetuava entre França e Portugal, Eduardo Lourenço informou que trazia sempre consigo dois livros: a *Divina Comédia* e *Os Lusíadas*¹. Com uma revelação tão concreta, Lourenço não pode senão querer dizer que estes são, de alguma maneira, os *livros da sua vida*, ou seja, aqueles que tem necessidade de ter por perto, em especial quando se enfrentam experiências de solidão como acabam por ser as viagens aéreas.

Quem conhece um pouco do pensamento e da escrita do autor não fica surpreendido com as obras indicadas. Através dessa escolha, confirma-se o seu apego aos chamados *grandes livros*. Pode imaginar-se que na sua pequena mala existisse também lugar para obras mais recentes. É sabido que Eduardo Lourenço era um leitor atento, que acompanhava a literatura do nosso tempo. Os seus livros preferidos são, porém, os *clássicos*, ou seja, aqueles que atravessaram os séculos, resistindo a todas as leituras simplificadas.

No que diz respeito a Camões, tão-pouco é necessário proceder a especulações demoradas. O autor d'*Os Lusíadas* serve-lhe de foco de curiosidade e de inspiração, enquanto criador e nobilitador da Língua. Mas Camões é, ele próprio, uma personalidade fortemente complexa e indeterminada, que encarna as possibilidades e as contradições do seu tempo.

¹ Entrevista concedida a Maria Ramos Silva (*jornal i*, 26/V/2012).

Mais do que através de qualquer outro autor, é através de Camões que Eduardo Lourenço consegue pensar Portugal, essa enigmática *personagem coletiva* que está no centro das suas cogitações e sentimentos.

O facto de trazer na sua bagagem um volume camoniano só pode significar, por isso, que este constitui um gosto irresistível e um estímulo vivo de reflexão.

Camões, objeto de escrita

O afeto a um determinado livro ou autor, porém, nem sempre significa que se escreva sobre ele. Na verdade, só em 1973 vem a público o primeiro ensaio camoniano editado em volume², quando o professor tinha já assinado textos sobre muitos outros autores e assuntos.

Para além de *tardia*, poderia ainda pensar-se que a sua chegada aos estudos camonianos é *circunstancial*, uma vez que foi ditada pela celebração de uma efeméride: a comemoração dos 500 anos da publicação d’*Os Lusíadas*, ocorrida em 1972.

Na altura, muitos intelectuais convergiram na atenção prestada a Camões: aqueles de quem se esperava que escrevessem, mas também muitos outros que chegaram ao camonismo de forma relativamente imprevista.

Houve estímulos precisos para que assim tivesse acontecido. 1972 foi um ano camoniano. A Comissão Nacional, nomeada pelo Governo, concebeu um programa rico e abrangente, incluindo Exposições, Congressos e Edições comemorativas de livros, moedas, medalhas e material iconográfico³.

A situação não era nova. Já antes, e por várias vezes, os portugueses se tinham reunido em torno de Camões. Assim tinha sucedido em 1880, quando se cumpriram 300 anos da morte do poeta ou em 1898, quando a monarquia evocou a chegada de Vasco da Gama à Índia. Assim viria ainda a ocorrer em 1924/25, quando a Primeira República, embora já em agonia, lembrou os quatro séculos do nascimento do poeta.

As comemorações de 1972 não fugiram a essa regra. O congresso internacional realizado em Lisboa (entre 15 e 18 de novembro) é, a esse respeito, bem elucidativo⁴. Olhando para o escol de convidados, encontramos nomes como Jorge de Sena (que

² Refiro-me ao ensaio intitulado “Camões e a visão neoplatónica do mundo”, que resulta da comunicação à I Reunião Internacional de Camonistas, que teve lugar no final de 1972.

³ A referida Comissão era presidida por Manuel Lopes de Almeida, Professor de História da Faculdade de Letras de Coimbra.

⁴ A Comissão que organizou aquela que viria a ser a I Reunião Internacional de Camonistas era presidida por Hernâni Cidade, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, integrando ainda Jacinto do Prado Coelho e Maria de Lourdes Belchior Pontes (da mesma Faculdade) e Álvaro Júlio da Costa Pimpão e Américo da Costa Ramalho (da Faculdade de Letras de Coimbra). O Secretário do Congresso foi o Dr José António de Sousa Barriga.

foi convidado a proferir a lição de abertura), Hernâni Cidade, António José Saraiva, Emanuel Paulo Ramos, Costa Pimpão ... e também Eduardo Lourenço⁵.

Àquela época, o ensaísta não se distinguira propriamente por ser um camonista assíduo. Dois anos antes, nas páginas do *Diário de Coimbra*, saíra aquele que representa o seu primeiro contributo camoniano. Nele sobressaía já o principal ângulo de análise que elegera: Camões e Portugal, vistos em articulação, sugerindo a maneira como um indivíduo e as circunstâncias históricas em que viveu podem mudar uma comunidade de forma profunda e continuada.

Ao contrário do que parece, contudo, o interesse de Lourenço por Camões remonta a muito antes. Prova-o a escrita de um texto ensaístico sobre *Os Lusíadas* que, em formato manuscrito, se encontra no acervo hoje abrigado na Biblioteca Nacional. Tem indicação de data (1950) e contém ainda uma explicação da circunstância concreta que o inspirou. Refiro-me ao ensaio intitulado “Descodificação de *Os Lusíadas*”⁶.

Convidado a explicar a génese desse texto, Lourenço alude ao seu espírito fortemente reativo, numa pequena nota manuscrita: “até àquela época, tudo o que se fazia eram calhamaços que falavam de coisas sem falar do texto”. A expressão “calhamaços que falavam de coisas...” parece sobretudo focar a erudição histórica, que deixava por analisar o texto camoniano na sua materialidade significativa.

Ao longo daquela que é a primeira incursão camoniana de Eduardo Lourenço (um dos primeiros, se não o primeiro estudo, que consagra a um texto literário), assumem-se discordâncias centrais em relação à tónica que prevalecia nos meios académicos, redutoramente centrada naquilo que designa por “primeira camada de significação”. Nas suas próprias palavras, a menor atenção consagrada ao texto seria responsável pelo cancelamento do debate crítico e pela transformação da epopeia de Camões em mero *objeto de liturgia*.

O caminho heterodoxo que Lourenço assume nesse estudo condiz com a orientação geral do seu ensaísmo. No caso vertente, tratava-se de chamar a atenção para *a realidade mais profunda do poema*. O pressuposto é claro: “*Os Lusíadas* não são um poema pacífico e nele ocorre um acontecimento espiritual e simbólico que não ocorre em nenhum outro lugar” (2019, p. 261).

As inquirições a que procede acabam por centrar-se na questão da mitologia, para discordar, quer da interpretação exornativa, quer da interpretação funcional.

⁵ Eduardo Lourenço (de Faria) foi, na altura, encarregado de proferir uma “comunicação livre”. Olhando para o programa do congresso, pode talvez concluir-se que o ensaísta terá sido chamado a ocupar-se do problema das influências filosóficas em Camões. Este aspeto tinha sido tratado pelo seu Mestre de Coimbra (Joaquim de Carvalho) e encontrava-se, à época, relativamente desguarnecido.

⁶ O ensaio surge pela primeira vez publicado no volume de *Estudos sobre Camões* (Primeira Parte), que organizei para a série das *Obras Completas*. As citações incluídas neste estudo são extraídas desse Volume VI de *Obras Completas*, intitulado *Estudos sobre Camões*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.

De entre os defensores da primeira interpretação, destacava-se Hernâni Cidade, professor da cadeira de Estudos Camonianos, que havia sido fundada na Universidade de Lisboa, em 1923. A segunda interpretação (oposta à primeira) vinha sendo defendida por António José Saraiva, que, em 1946, publicara dois extensos capítulos sobre *Os Lusíadas* no volume intitulado *Para a história da cultura em Portugal*. Uma das leituras mais inovadoras propostas pelo então jovem professor consistia em sublinhar a falta de densidade que caracterizava as personagens históricas (Vasco da Gama, desde logo). Por contraste, as principais figuras mitológicas seriam objeto de um cuidado processo de humanização, tanto do ponto de vista da composição individual como do conflito que se estabelece entre elas.

Embora reconhecendo a deslocação da intriga da história para a mitologia, Lourenço não se conforma com o que chama a ideia do “túmulo vazio”. Seguindo Manuel de Faria e Sousa (que identifica como *o único homem que efetivamente leu Os Lusíadas*), Lourenço lembra que a epopeia camoniana é essencialmente marcada pela tónica da *superação*. De acordo com o seu pensamento, também no que toca à mitologia existia *transformação* superadora e não apenas *imitação*, em sentido estrito.

A solução de leitura que aponta é a de que, na ausência de heróis históricos e de referências mitológicas capazes de suprir essa ausência, o herói de *Os Lusíadas* inscreve-se no domínio da linguagem e não da ação:

Onde está pois o herói? Em sentido próprio é evidente que não está em sítio algum, que é vão e ridículo perder tempo em cenário pintado, mas em lugar do herói que falta há uma voz que assume, por si só, todos os poderes. Esta voz é a do próprio Poeta, quer dizer, do indivíduo único que foi Camões mas também e fundamentalmente a da linguagem através da qual ele se transcende e sonha. (Lourenço, 2019, p. 265).

Esta interpretação, aqui apenas esboçada, viria depois a aprofundar-se quando Lourenço decide assumir Camões como objeto de estudo sistemático e preferencial.

É no tempo que medeia entre as duas efemérides (1972 e 1980) que vem a público o maior número de estudos camonianos de Eduardo Lourenço. Sob este ponto de vista, pode dizer-se que o encontro com Camões não se esgotava na circunstância que levou tantos outros a aproximarem-se do autor. Pelo contrário. Embora gozando de importância autónoma, o camonismo acaba por condicionar a forma de aproximação a outros autores. É o que sucede com Antero e com Pessoa, para citar apenas dois dos poetas de quem Lourenço se ocupa de forma mais porfiada. Relendo os ensaios que dedica a estes outros nomes fortes do seu panteão, é possível identificar o efeito direto ou indireto das *lentes camonianas*, das quais o ensaísta não quer ou não consegue separar-se.

Lourenço entre camonistas

Olhando mais uma vez para a quantidade de ensaios, estudos e artigos camonianos que vieram a lume por ocasião das duas efemérides, pode concluir-se que Camões representava um fator de convergência, tanto entre estudiosos como entre criadores. Neste aspeto, pelo menos, não se registavam diferenças assinaláveis relativamente ao que tinha acontecido aquando das celebrações oitocentistas.

Como não poderia deixar de ser, porém, a mudança de regime ocorrida em abril de 74 levaria a alguns reposicionamentos resultantes da fratura que então se operou tanto na vida política como no próprio seio da vida universitária.

Numa primeira fase, Camões não escapou a essa vaga de iconoclastia cultural. São conhecidas designadamente as tentativas de o afastar do cânone literário escolar. Mas nenhuma delas surtiu efeito. O poeta viria a ser rapidamente reconduzido ao papel que sempre tinha sido o seu, continuando a congregar em múltiplas iniciativas, presenciais ou escritas, figuras que se encontravam divididas em quase tudo o resto.

Por aquela altura, de facto, e contrastando com o que vinha acontecendo até aos anos 60, os estudos camonianos foram objeto de uma fragmentação acentuada: permanecia, desde logo, uma orientação filológica e histórico-literária, que vinha de longe (de D. Carolina e de Teófilo, pelo menos). Nesse domínio concreto, continuavam a prevalecer as escolas de Lisboa e de Coimbra, sob o magistério acatado de Hernâni Cidade e Costa Pimpão, respetivamente. O labor destes dois mestres orientava-se, em primeiro lugar, para a realização das edições fiáveis que, apesar de todos os esforços que vinham do século XIX (onde sobressaem os trabalhos de Juromenha), continuavam a faltar. Se olharmos para a cronologia e também um pouco para o estilo das edições produzidas, verifica-se que, a partir dos anos 40, se assistiu a uma curiosa (e apesar de tudo *benéfica*) rivalidade entre Cidade e Pimpão.

Mas o camonismo tinha entretanto deixado de ser um monopólio da Universidade. Enquanto os investigadores provenientes do meio académico dirimiam argumentos em torno de questões contextuais, com destaque para a muito controversa biografia e a questão das fontes, ou debatiam os complexos problemas que afetam a autenticidade do texto camoniano, outros procuravam sobretudo interpretar a obra de Camões, na tentativa de identificar o seu posicionamento ideológico ou doutrinário.

Nesse último grupo se destacara primeiro António Sérgio e, mais tarde, António José Saraiva, sendo um e outro nomes exteriores à universidade portuguesa⁷. O primeiro via sobretudo em Camões um *idealista* no sentido filosófico da palavra.

⁷ Se António Sérgio nunca teve um enquadramento propriamente académico, António José Saraiva ensinou literatura e cultura portuguesas em diversas universidades estrangeiras. Só depois de 1974, contudo, viria a ser contratado como Professor Catedrático, primeiro pela Universidade Nova de Lisboa e mais tarde pela Universidade de Lisboa.

Em alguns ensaios, Sérgio tentou inclusivamente afastar Camões das circunstâncias históricas em que, no seu entendimento, outros tentavam aprisioná-lo. É esse, em grande parte, o sentido da célebre polémica que o autor de *Ensaio*s manteve com José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, assumidos defensores da tese biografista, que via na Lírica de Camões a confissão plangente de um desgraçado enamoramento pela Infanta D. Maria, última filha do Rei D. Manuel⁸.

Noutros textos, o mesmo Sérgio fazia de Camões um *resistente*, para quem a celebração das descobertas não impedia a valorização da terra e a subsequente defesa da *economia de fixação* (vs *economia de transporte*). Nessa linha específica, devemos situar ainda a importância que o ensaísta e pensador atribui à presença constante de D. Sebastião na epopeia camoniana e ao sonho territorial que ele corporiza⁹.

Já António José Saraiva (cujas teses camonianas vinham de 1946) vê em Camões um crítico portador de uma determinada consciência de classe, que se insurge contra o domínio de uma nobreza de sangue instalada nos privilégios que resultavam da posse de títulos e de terras.

É no campo do que pode designar-se por *camonismo interpretativo*, que o nosso autor vai demarcar o seu espaço¹⁰. Os trabalhos camonianos de Lourenço situam-se globalmente na linha de Sérgio, na medida em que também este procurara situar Camões na esfera das ideias e dos sentimentos. Mas a vertente diferenciadora de Lourenço atinge também o próprio António Sérgio, na medida em que valoriza a tónica contra-dictória e tensional que atravessa os versos camonianos.

O assunto em que mais se detém para levar por diante esse processo é o neoplatonismo. Enquanto para Sérgio essa corrente filosófica e doutrinal, que tanta fortuna tinha tido no Renascimento europeu, poderia ser tomada como verdadeira

⁸ As principais peças da referida polémica são constituídas, por um lado, pelo estudo prefacial da Lírica de Camões, assinado por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, que veio a público, com a chancela da Universidade de Coimbra, em 1932 (retomando uma ideia antes alvitada por José Maria Rodrigues, em 1910, nas páginas do *Instituto*). A resposta de António Sérgio intitula-se “Questão prévia de um ignorante aos prefaciadores da Lírica de Camões”, surge publicada em 1934 e é retomada em 1959, no Vol. IV dos *Ensaio*s.

⁹ Cabe, aliás, a António Sérgio o mérito de ter chamado a atenção para a importância da figura de D. Sebastião, não apenas enquanto dedicatário de circunstância mas enquanto monarca seduzido pelo desafio de Marrocos (Cf. Sérgio, 1925).

¹⁰ Um lugar à parte é ocupado pelo camonismo de Jorge de Sena. A complexa singularidade das posições camonianas de Sena pode, de algum modo, comparar-se à atitude essencialmente heterodoxa de Lourenço. Apesar de alguma semelhança, trata-se, contudo, de alinhamentos muito diferentes. A este propósito, basta ler o esboço de reação de Lourenço relativamente à publicação do extenso e profundo estudo intitulado *Uma canção de Camões*, em 1966, que se publicou no Comércio do Porto (05.12.1967) e se republica no Apêndice do já citado volume de *Estudos sobre Camões*. É ainda muito reveladora a leitura da correspondência mantida pelos dois intelectuais ao longo das décadas de 60 e 70 do século passado, ao longo da qual afloram críticas comuns a outros camonistas (Saraiva, Cidade, Pimpão, Costa Ramalho, etc.). Em carta datada de 12 de maio de 1967, Lourenço descreve o ensaio de Sena como sendo “a única grande proposição de metodologia literária (e de prática) da nossa crítica moderna”. Informa ainda ter enviado uma pequena nótula para a Revista *Colóquio*, prometendo para depois estudo mais extenso (*Correspondência*, p. 40).

chave de leitura de toda a obra camoniana, para Lourenço o neoplatonismo era importante, sem dúvida, mas funcionava como uma referência e não podia ser tido como um fator decifrativo puro e simples.

Lourenço empenha-se em demonstrar que não basta assinalar a presença do neoplatonismo na obra de Camões. É também necessário averiguar como é que ele surge representado na particular expressão de sentimentos e ideias que ocorre na literatura do século XVI.

No ensaio intitulado *Camões Actéon. Para um reexame da mitologia cultural portuguesa*, Lourenço empenha-se em contestar a visão filosofante que vinha de Sérgio, embora ela tenha alguns precedentes em Teófilo e Oliveira Martins:

Os poemas de Camões são de algum modo a transfiguração poética de uma visão do mundo de ordem filosófica, entendendo por isso não a filosofia que o poema por sê-lo já significa, mas uma visão articulada e historicamente reconhecível de uma certa metafísica. (Lourenço, 2019, p. 94)

O registo interpelativo seguido por Lourenço chega a contrastar com o tom assertivo adotado por Sérgio. Este último exibía uma descoberta global; aquele parte em busca de pequenas descobertas, ciente de que um autor da grandeza de Camões não se conforma com uma só leitura, resistindo às visões monológicas e simplificadas, que neutralizam ou suspendem a hesitação e o mistério.

A este propósito, Hegel é convocado como a grande fonte de inspiração:

Em todos os sentidos em que a frase se possa ler, é sério e fundado o que Hegel escreveu: a filosofia é a morte da arte. Isto não significa que nós matamos o poema compreendendo-o, mas que o poema vive do que o separa do filosofema. (Lourenço, 2019, p. 95)

Dialogando expressamente com muitos outros leitores de Camões (com destaque para José Régio, cujas posições, pouco citadas nos meios camonísticos, valoriza com insistência), Lourenço vai-se assim posicionando como voz diferente.

De forma crítica, refere as “leituras atualizantes” de António José Saraiva, por exemplo; e empenha-se sobretudo em acentuar a ideia de *superação* face ao petrarquismo e ao neoplatonismo, referindo-se concretamente a uma *dialética sem vencedor*.

A linha de leitura mais impressionante que assinala este ensaio é a de que Camões é um *poeta em plenitude*, o que significa que o sentido da sua poesia não se pode reduzir a um qualquer alinhamento doutrinário ou filosófico. Este pressuposto não tem, de resto, uma aplicabilidade limitada a Camões. Pelo contrário: tem um alcance bem mais amplo, estando na base da opção declarada de Eduardo Lourenço (formado

em histórico-filosóficas) pelo estudo do texto literário, considerado na sua superior complexidade interpelativa.

O princípio de que vimos falando terá depois aplicação na grande maioria dos ensaios que hão de seguir-se, conduzindo à valorização do que poderia chamar-se a *autenticidade camoniana*, ou seja, a vivência de desilusões que contrariam desejos e ideais. Enquanto estes se situam justamente no domínio da teoria, a vivência revela-se intermitente e imprevisível e, por isso, mais conforme com o espírito da poesia.

Falando das canções camonianas e dos códigos que lhes estão mais próximos, Lourenço chega a afirmar numa daquelas frases que por vezes afloram à sua escrita como síntese lapidar de todo um raciocínio especialmente complexo: “Estamos longe da serenidade de Petrarca e dos jardins de Marsilio Ficino. As *Canções* são de um esfolado vivo que despe em público a própria pele.” (2019, p.106).

Na mesma linha de raciocínio, e já a concluir o estudo que tenho vindo a citar, o ensaísta ocupa-se da muito comentada oposição entre Babel e Sião que, embora surgindo em outros lugares da obra do poeta, manifesta-se sobretudo nas redondilhas de *Sobre os Rios*: “É da Babel mortal que a eterna Sião é feita, é dos amores reais que o puro amor recebe o seu halo deslumbrante. Não há outro platonismo em Camões.” (2019, p. 108).

A essa luz, Lourenço tenta perceber os textos enquanto teia de sentidos não controlada e, de certo modo, não previsível. Assim se compreende a reiterada e por vezes minuciosa aproximação intertextual a que Lourenço submete a escrita camoniana, tomando sobretudo como pontos de comparação poetas italianos e espanhóis. Camões é assim comparável a uma *estrela* que, embora brilhando intensamente, só é compreensível quando temos em conta o vasto firmamento onde cintilam outros poetas, filósofos e artistas.

Como é fácil de compreender, a capacidade de implantação de uma determinada orientação interpretativa é tanto maior quanto maior for o peso institucional que lhe surge associado. E também é sabido que, em regra, a Universidade privilegia os mecanismos de validação causal.

Ora, as leituras camonianas de Eduardo Lourenço eram de base essencialmente crítica e, por isso, não assentavam num lastro tão reconhecível como aquelas outras que provinham da história literária. Concebida num registo de lógica narrativa, esse registo, mais compendial permitia, por exemplo, situar Camões como ponto de chegada de uma determinada tradição.

Em conjunto, o teor problematizante e também a forma fragmentária como os ensaios foram sendo publicados podem explicar a relativa dificuldade que o camonismo de Lourenço sempre sentiu (e de certo modo continua a sentir) em ser acolhido no quadro académico, começando pela Universidade e acabando no ensino secundário, envolvendo Programas, bibliografia de apoio e manuais.

Em artigo publicado no semanário Expresso (Março de 1979) com o título “Camões 80”, o ensaísta contrapõe o significado das comemorações ainda imperiais de 1972 àquelas que se anteviam para 1980, pressagiando que o quarto centenário da morte do poeta ficaria aquém das próprias necessidades sentidas pelos portugueses em relação a Camões. O seu contributo para uma *memorialização sadia* orienta-se, sobretudo, no sentido da exigência. Assim, falando da obra do poeta, aduz de forma lapidar: “A sua poesia é um mundo e não um agregado heteróclito de materiais sem laço interno” (2019, p. 91).

Este alerta, aliás, não destoa daquele outro que ele próprio tinha lançado em 1972. Se oito anos antes importava lembrar que um poeta do século XVI não pode limitar-se a servir de emblema de uma qualquer orientação política (na altura reduzida ao dístico da *Fé* e do *Império*), também em 1980 não se pode ignorar que Camões é ainda e sê-lo-á para sempre um poeta que transforma e sublima a realidade. Nessa medida, seriam vãs ou espúrias todas as tentativas de domesticação de uma obra que, como acima se sublinha, “é um mundo”, em tudo o que isso significa de complexidade tensa e insolúvel.

É aliás essa a principal linha de sentido que percorre os ensaios consagrados a Camões enquanto símbolo coletivo. Para além da centralidade que lhe reconhece em cada fase da história, esforça-se por chamar a atenção para a necessidade de não aprisionar o poeta justamente porque se trata de um poeta e não de um político ou de um doutrinador. Trata-se, sem dúvida, e em primeiro lugar, de um protesto ou de um afastamento em relação a aproveitamentos oportunistas e rasos. Neste caso como quando se ocupa do neoplatonismo, da visão do tempo ou da voz autoral em *Os Lusíadas*, o combate de Lourenço parece ser o de proclamar a natureza não domesticada da literatura.

Conclusão

Relendo os ensaios camonianos escritos por Lourenço (éditos e inéditos), conclui-se que Camões ocupou sempre um lugar central nas suas preocupações. Quem se detiver apenas nos textos publicados a partir da década de 70 poderia ser levado a pensar que Camões representa para Eduardo Lourenço um autor entre muitos outros, o que não é verdade. Para Lourenço como para a maioria dos ensaístas que publicaram sobre literatura ao longo da segunda metade do século XX, Camões acaba por ser tema de disputa direta ou indireta. Outra conclusão que pode extrair-se da leitura deste volume é a de que nos encontramos perante um camonista irregular e relativamente escasso. Essa perceção pode resultar do contacto estrito com os estudos que foram sendo publicados de forma relativamente avulsa e dispersa. Qualquer dessas ideias

se dissolve, porém, com a visão global que se torna acessível com a publicação do presente volume.

Ao contrário do que possa pensar-se, existem nexos fortes e estruturantes entre os diversos ensaios. Pode mesmo dizer-se que existe uma marca inconfundível, que consiste, sobretudo, no facto de o ensaísta assumir os textos de Camões como obra de linguagem, ou seja, como artefacto artístico. Desse pressuposto, que assume como central, o ensaísta tira consequências decisivas: supera a visão historicista, que faz da poesia de Camões o resultado direto de condicionantes contextuais; evita igualmente a crítica de influência ou de fontes, reconhecendo a sua importância mas assinalando a forma como Camões transforma os legados com que se confronta; por outro lado, distancia-se das leituras ideologicamente redutoras que procuram cristalizar a poesia camoniana numa determinada mensagem de cunho doutrinal. Por último, Eduardo Lourenço reconhece a Camões uma faculdade única no panorama da escrita em Língua Portuguesa: a faculdade de falar às gerações posteriores de forma produtiva e atualizável.

O encontro de Eduardo Lourenço com Camões é, por isso, especial a vários títulos. Em boa verdade, trata-se do encontro de um ensaísta de matriz filosófica com o sortilégio da Literatura. Já não da visão medieval da Literatura e ainda não da literatura tal como o Romantismo a transformou e projetou no futuro que ainda é o nosso e da qual viria igualmente a ocupar-se de forma porfiada. Ao aproximar Camões de outros grandes nomes do Renascimento europeu, Lourenço reconhece-lhe uma dimensão inaugural e precursora em toda a literatura portuguesa.

Como tem sido insistentemente sublinhado a propósito da globalidade da obra de Eduardo Lourenço, também o seu camonismo se caracteriza por uma heterodoxia marcante.

A erudição académica tem por missão demonstrar a inteligibilidade dos fenómenos histórico-literários, atenuando e explicando a sua complexidade. Quando está em causa a figura e a obra de Camões, esse desiderato torna-se ainda mais *necessário*, uma vez que, para além dos círculos eruditos, é necessário que o fenómeno seja de algum modo colocado ao alcance de alunos adolescentes ou mesmo do cidadão comum. Deste ponto de vista, os estudos camonianos de Eduardo Lourenço não podem comparar-se com aqueles que foram publicados tendo o consumo escolar por horizonte mediato ou imediato.

Se tivermos em conta o xadrez polifónico em que se transformou o camonismo, a voz de Eduardo Lourenço manifesta-se relativamente desacompanhada. Compreende-se que assim seja em função das necessidades de simplificação que a Escola impõe. Mas não há dúvida de se justificava uma maior integração do pensamento do ensaísta, pelo menos nos planos de ensino e de investigação que se acolhem na Universidade.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, José Augusto Cardoso. Eduardo Lourenço, Camões e o poder da literatura. *Colóquio/Letras*, n. 171, p. 119-132, maio 2009.
- CARVALHO, Joaquim de. *Obra Completa*. Prefácio de J. V. de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978. v. I.
- LOURENÇO, Eduardo. *Obras Completas: Estudos sobre Camões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019. v. VI.
- MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- MARTINS, Oliveira. *Os Lusíadas: Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de. *O canto na poesia épica e lírica de Camões*. Estudo da isotopia enunciativa. Paris: Centre Culturel Portugais, 1981.
- SARAIVA, António José. *História da cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Foro, 1950-1962.
- SENA, Jorge de. *A estrutura de Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular*. Lisboa: Portugália, 1970.
- SENA, Mécia de (org.). *Correspondência entre Jorge de Sena e Eduardo Lourenço*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1991.
- SÉRGIO, António. Questão prévia de um ignorante aos prefaciadores da Lírica de Camões. In: SÉRGIO, António. *Ensaios*. Lisboa: Guimarães Editores, 1959. v. IV, p. 11-60.